

Redenção

9/09/2015

Na doutrina tradicional sobre o sacramento do matrimónio costuma distinguir-se, desde Santo Agostinho, os bens e os fins do matrimónio. Os bens do matrimónio – os filhos, a fidelidade e o sacramento – mostram que o matrimónio é uma realidade boa que corresponde ao pensamento de Deus, de tal modo que, como sacramento, o matrimónio torna-se sinal eficaz do mistério da relação esponsal entre Cristo e a Igreja, tema que foi muito tratado pelo Papa S. João Paulo II nas suas catequeses sobre o corpo, cuja leitura e meditação todos os casais das Equipas de Nossa Senhora deveriam ter como livro de leitura obrigatória, como livro de cabeceira.

Contra os dualismos gnósticos e maniqueus desde a antiguidade aos nossos dias, a Igreja tem sempre proclamado a santidade do matrimónio que decorre da sua dignidade de sacramento, e foi assim em Santo Agostinho, foi assim em Santo António de Lisboa enviado por S. Francisco para o sul de França pregar a santidade do matrimónio contra os albigenses que consideravam o matrimónio como um mal que devia ser evitado. Santo António dizia aos jovens cristãos que era bom casar-se e o mesmo ensinamento encontramos em S. João Paulo II em obras tão significativas como *Amor e Responsabilidade* e as *Catequeses sobre a teologia do Corpo*, que já referi.

O que é santo no pensamento de Deus sabemos que foi perturbado e corrompido pelo pecado. Desde o princípio, desde que Adão e Eva saborearam o fruto da árvore que se encontrava no meio do jardim, a árvore do conhecimento do bem e do mal, desde esse momento em que pretenderam *ser como Deus*, segundo a tentação da serpente, desde esse momento a relação entre o homem e a mulher, que devia ser uma relação unitiva e procriativa ao serviço do amor e da vida, tornou-se uma relação de domínio ao serviço do egoísmo e do prazer. S. João Paulo II reconhece que o relato da criação e do pecado pertence, como género literário, aos *mitos das origens*, ou seja, relatos que na sua forma exprimem uma condição transcendental do homem enquanto tal, é a expressão em forma de narração *mítica* do que se diz de um modo metafísico e transcendental. Quer dizer que a nossa relação esponsal, a nossa sexualidade que nos constitui pela criação na distinção entre nós de homens e de mulheres, essa relação esponsal que se traduz na nossa sexualidade, deve ser purificada, redimida, para que possa ser colocada ao serviço da união e da vida.

Era isto que a doutrina tradicional dos *fins do matrimónio* visava transmitir: o bem dos filhos, através da educação; a ajuda mútua dos cônjuges entre si e o *remédio da concupiscência*. Quer dizer que o sacramento do matrimónio ou a graça do sacramento do matrimónio visa transformar a lógica do desejo que se exprime na *concupiscência* em lógica do *amor oblativo*, do *amor puro* que deve reinar entre os esposos, tornando-se então, pela graça, amor *unitivo e procriativo*, como ensina Paulo VI na *Humanae Vitae*.



Equipes Notre-Dame

IIIème Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

A redenção do nosso corpo, a redenção da nossa sexualidade é a graça do sacramento do matrimónio que faz então que a sexualidade vivida na relação conjugal dos esposos que se amam no Senhor, seja unitiva e aberta à vida. Por outras palavras, seja um *amor casto*. Há por isso uma *castidade conjugal*, como condição para que o amor seja respeitoso e delicado. Mas isso não está nas nossas forças; porque somos todos chamados a viver uma *relação esponsal* tanto na virgindade consagrada como no matrimónio cristão, temos de pedir muito humildemente esta graça. Vão nesse sentido os pontos concretos de esforços que são o método do nosso movimento para vier a santidade em casal. E destes, recomendo vivamente a oração conjugal e o dever de se sentar, sem esquecer que não há vida espiritual nem santidade conjugal sem a frequência de dois sacramentos: o sacramento da penitência que nos purifica do pecado e de todo o egoísmo e o sacramento da eucaristia, no qual recebemos o pão da vida que nos torna fortes e saudáveis no Senhor.

Desde o princípio do meu ministério como Conselheiro Espiritual a nível de todo o movimento não me tenho cansado de insistir neste ponto: sem a oração conjugal e sem o dever de se sentar será muito difícil viver a relação esponsal e a relação conjugal no Senhor. Por aqui passa a *redenção* do nosso corpo para que seja sempre membro vivo do corpo de Cristo e templo vivo do Espírito Santo.

P. José Jacinto FERREIRA de FARIAS, scj.